http://journal.unoeste.br/index.php/ch
DOI: 10.5747/ch.2023.v20.h559
ISSN on-line 1809-8207

Colloquium Humanarum

EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL ENTRE THEODOR ADORNO E PAULO FREIRE[1]

Emancipatory education: a possible dialogue between Theodor Adorno and Paulo Freire[2]

Educación emancipatoria: un posible diálogo entre Theodor Adorno y Paulo Freire[3]

Glaciane Cristina Xavier Mashiba[4], João Luiz Gasparin[5]

Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá - PR, Brasil

RESUMO

O presente artigo objetiva estabelecer o diálogo possível entre os escritos de Theodor Adorno e de Paulo Freire, com vistas à educação emancipatória. Para tanto, partimos do seguinte questionamento: Qual o diálogo possível entre a educação emancipatória em Adorno e Freire? A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, a partir do cotejamento de obras de Adorno e de Freire, bem como do material produzido sobre os autores. Conclui-se que tanto Adorno quanto Freire combatiam a sociedade capitalista de seu tempo e que ambos se posicionavam contra a alienação do homem; logo, a emancipação humana foi uma preocupação comum entre esses clássicos. A análise efetuada assinala que a educação emancipatória, em Adorno e Freire, apresenta alguns eixos fundamentais, os quais serão apresentados no decorrer do texto. O foco central na teoria adorniana é a formação social, contudo, a educação também é contemplada, haja vista que a deformação social se reflete na escola. Em Freire, temos educações. Nesse sentido, inferimos que a educação emancipatória tanto em Adorno como em Freire, impele oindivíduo a movimentar-se à contrapelo da heteronomia e do pensamento tutelado impostos pela sociedade, com vistas ao processo de libertação, autonomia e conscientização. A emancipação humana, portanto, é um processo.

Palavras-chave: Educação; Emancipação humana; Theodor Adorno; Paulo Freire.

ABSTRACT

This paper aims to establish the possible dialogue between the writings of Theodor Adorno and Paulo Freire, with a view to emancipatory education. Therefore, we start with the following question: What is the possible dialogue between emancipatory education in Adorno and Freire? The methodology used was bibliographic research, based from the collating of works by Adorno and Freire, as well as the material produced about the authors. It is concluded that both Adorno and Freire fought the capitalist society of their time and that both were against the alienation of man; hence, human emancipation was a common concern among these classics. The analysis carried out indicates that emancipatory education, in Adorno and Freire, presents some fundamental axes, which will be presented throughout the text. The central focus in Adorno's theory is social formation, however, education is also pursued, given that social

[1] Recorte de pesquisa de Tese de Doutorado.
[2] Research clipping of Doctoral Thesis.
[3] Recorte de búsqueda de Tesis Doctoral.

[4] Universidade Estadual de Maringá (UEM), Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Professora Adjunta e Diretora de Ensino de Graduação da UEM. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa Experiência, formação e emancipação: organização do tempo e do espaço na educação escolar. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2692-9454. E-mail: gcxmashiba@uem.br

[5]Universidade Estadual de Maringá (UEM), Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPE/UEM) Mestrado e Doutorado. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Escola, Família e Sociedade (GEPEFS). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Materialismo Histórico-Dialético e Educação - CONSCIÊNCIA - FE/UnB. ORCID https://orcid.org/0000-0003-0459-7927. E-mail: joaogasparin1941@gmail.com

deformation is reflected in school. In Freire, we have educations. In this sense, we imply that emancipatory education, both in Adorno and in Freire, impels the individual to move against the grain of heteronomy and protected thinking imposed by society, with a view to the process of liberation, autonomy, and awareness. Human emancipation, therefore, is a process.
Keywords: Education; Human emancipation; Theodor Adorno; Paulo Freire.

RESUMEN
El presente artigo tiene por objetivo establecer el posible diálogo entre los escritos de Theodor Adorno y Paulo Freire con objeto de educación emancipatoria. Por eso, partimos del siguiente cuestionamento: ¿Cuál el posible diálogo entre la educación emancipatoria en la obra de Adorno y Freire? La metodología utilizada fue la pesquisa bibliográfica, dentro de la selección de obras de Adorno y Freire, al igual que el material producido sobre los autores. Se concluye que tanto Adorno como Freire competían la sociedad capitalista de su tiempo y ambos se colocaban contra la alienación del hombre; luego, la emancipación humana fue una preocupación mutua entre esos clásicos. El análisis efectuado muestra que la educación emancipatoria, en Adorno y Freire, expone algunos ejes fundamentales, los cuales serán presentados en el transcurrir del texto. El enfoque central en la teoría adorniana es la formación social. Sin embargo, también se contempla la educación, ya que la deformación social se refleja en la escuela. En Freire, encontramos un enfoque educativo diferente. En ese sentido, se puede inferir que tanto en Adorno como en Freire, la educación emancipadora impulsa al individuo a moverse en contra de la heteronomía y del pensamiento tutelado impuesto por la sociedad, buscando el proceso de liberación, autonomía y conciencia. Por lo tanto, la emancipación humana es un proceso.
Palabras-clave: Educación; Emancipación humana; Theodor Adorno; Paulo Freire.

INTRODUÇÃO

O retorno às contribuições de Theodor W. Adorno e de Paulo Freire em busca de subsídios para a análise acerca de uma educação emancipatória, justifica-se em razão da contribuição destes autores para pensarmos a sociedade capitalista e suas contradições, bem como, para a educação que se quer frente a tal situação. Deve-se, ainda, ao fato de que ambos se preocupavam com a emancipação humana, mesmo que as reflexões de Adorno fossem no plano filosófico, isto é, seus diálogos referiam-se aos rumos da razão no contexto da racionalidade técnica, tendo como ênfase a formação social, cuja corrupção se reflete na escola. Freire, por sua vez, pensava-a do ponto de vista do oprimido e como processo a ser desenvolvido inclusive no âmbito escolar.

O momento histórico vivenciado por Adorno e Freire impeliu-os a responder aos problemas que se apresentavam à sociedade do século XX, quer por causa da Ditadura Militar, que ocorria no Brasil, ou do Holocausto que solapou milhares de judeus na Alemanha. Estes dois autores clássicos, no entanto, não se restringiram a pensar sua realidade local; eram cosmopolitas, lutaram por superar uma forma de organização social que privilegiava alguns em detrimento de muitos cidadãos que tinham seus direitos negados. Seus escritos apontam para a necessidade de libertação do pensamento tutelado, conquistando nesse processo, a autonomia, a conscientização e a capacidade de resistência frente à heteronomia imposta pela sociedade.

A educação exigida pela sociedade capitalista forma muito mais para a adaptação ao mercado de trabalho do que para a conscientização dos educandos em relação aos discursos reproduzidos socialmente e a necessidade de sua atuação como agentes de transformação neste âmbito. Nesse sentido, faz-se

necessário fortalecer a formação cultural, por meio de leituras que ofereçam suporte a uma reflexão crítica, ou o retorno às raízes históricas.

DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Na busca de efetivar o objetivo apresentado, optamos por pautar-nos na Pesquisa Bibliográfica, a partir do cotejamento, primeiramente, de obras de Adorno e Freire, do material produzido sobre esses autores, de alguns contemporâneos seus e de comentaristas.

Nessa esteira de raciocínio, priorizamos em Adorno "Educação e emancipação" (ADORNO, 1995); "Dialética do esclarecimento" (ADORNO, 1985); e "Teoria de La seudocultura" (1972), os dois últimos livros escritos juntamente com Horkheimer. Na obra de Freire, foram utilizadas, prioritariamente; "Educação como prática da liberdade" (FREIRE, 2019c); a trilogia "Pedagogia do Oprimido" (FREIRE, 2019b); "Pedagogia da Esperança" (FREIRE, 2020); e "Pedagogia da Autonomia" (2019a), além de outras obras destes autores e de interlocutores que auxiliaram a analisar suas concepções referentes à categoria emancipação humana.

Para Gil (2022, p. 45), "A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente". O autor acrescenta: "A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos." (GIL, 2022, p. 45)

A partir dessa metodologia, enfatizamos o momento histórico em que se vincularam as categorias de emancipação em Adorno e Freire. Já, a partir da categoria historicidade, consideramos os aspectos sociais, políticos, filosóficos e educacionais em que se encontravam inseridos, a fim de entender o pensamento desses intelectuais em relação à emancipação humana de maneira contextualizada.

Importa destacar que para entender o pensamento de Adorno e Freire, não basta uma imersão na obra destes, faz-se necessário também o diálogo com autores a partir da base teórico-filosófica em que se pautaram, do contexto histórico que os envolvia e seus condicionantes, e da concepção de educação destes intelectuais, pois acreditamos que seus escritos são uma parte do todo. Para Goldmann (1985, p. 126), em uma análise histórica de um grupo social, é preciso considerar *"[...] el todo más amplio constituido por el conjunto de su vida econômica, social, política e ideológica"*.

Esse texto concentra-se em contribuir com discussões que tenham centralizada a emancipação humana, muitas vezes, ignorada ou tratada de maneira indevida no meio acadêmico e escolar, haja vista o aligeiramento da formação. Adorno (1969) pontua que a sociedade nega ao indivíduo os pressupostos de sua formação, impondo a ele a heteronomia. Esta pseudoformação (*Hallbildung)* generalizada enfraquece a formação para a autonomia, haja vista que o semiculto não se permite a experiência e nem sequer o conceito. Destaca-se nesse texto a importância da autorreflexão acerca da pseudoformação, bem como da resistência frente às imposições sociais, com vistas a uma educação humanizadora e emancipatória.

THEODOR W. ADORNO E PAULO FREIRE: PENSADORES CLÁSSICOS

Ao abordar o conceito de clássicos, Calvino (1993, p. 11) infere: "[...] são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes)."

Corroborando com Calvino (1993), Gasparin (1998) infere que um clássico nasce em um momento de transição entre dois momentos históricos e, neste momento de crise, respostas são necessárias. Os pensadores clássicos,

> [...] mostram-nos a leitura original que fizeram de seu tempo e auxiliam-nos a entender quem somos e aonde chegamos. [...] Eles não respondem direta e imediatamente ao nosso tempo, indicando-nos as soluções necessárias para hoje. São pensadores, porém, que por sua maneira singular de captar as questões vitais de uma determinada fase do desenvolvimento da humanidade, tornaram-se modelos para todos os que procuram ler o tempo atual. Desta maneira, tem sentido retornar aos clássicos a fim de avançar, progredir. (GASPARIN, 2011, p. 38).

O retorno aos clássicos como uma maneira de progredir, conforme enfatiza Gasparin (2011), deve-se ao fato de que conhecer a história é uma maneira de libertar-se. Os pensadores clássicos nos oferecem suporte para uma reflexão crítica, para o retorno às raízes históricas que poderiam revelar que os problemas vivenciados hoje, ainda que não se apresentem de maneira idêntica, nem na mesma medida, já foram vivenciados por pessoas que ousaram respondê-los, e o fizeram para além de seu tempo.

Adorno e Freire ao deixar-nos suas obras como legado, nos possibilitam pensar acerca dos problemas atuais com base em seus escritos, na tentativa de desvendar caminhos que nos levem a repensar nossas certezas.

EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA EM ADORNO E FREIRE

> *A libertação é uma bênção ou uma maldição? Uma maldição disfarçada de bênção, ou uma bênção temida como maldição?* (BAUMAN, 2001, p. 26).

O processo que corresponde a uma educação emancipatória em Adorno e Freire perpassa diversos eixos. A superação da barbárie, para Adorno (1995), seria o cerne das prioridades no que se refere aos objetivos educacionais "Considero tão urgente impedir isto que eu reordenaria todos os outros objetivos educacionais por esta prioridade" (ADORNO, 1995, p. 155). Para o frankfurtiano, a orientação contra o princípio da barbárie ocorre também por meio de uma educação política, a partir da qual o indivíduo passa a estabelecer relações na sociedade em que se encontra inserido, de maneira autônoma; assim, o indivíduo,progressivamente, rompe com a passividade e a obediência da ordem vigente. A barbárie possui roupagens definidas de acordo com o poder que se tem para subjugar o outro e isso ocorre, principalmente, porque aspessoas não são mais consideradas por sua essência, a qual passa a ser mutilada

pela divisão dos homens.

A barbárie é destacada por Freire, principalmente, na situação de opressão, logo, os oprimidos devem superá-la. Para que isso ocorra, o engajamento pela luta coletiva em prol da libertação torna-se essencial, pois a libertação não ocorre no plano individual. Os oprimidos viveram tanto tempo imersos na realidade opressora, que têm dificuldades em se saber oprimidos, assim aderem ao opressor, o que os nega a consciência de si como pessoa ou de classe oprimida. Freire (2019b) exemplifica tal absurdo com a luta da classe oprimida pela reforma agrária, que, muitas vezes, não se justifica, pois, esta a quer para ser a nova proprietária de terra. Boa parte dos camponeses, quando ficam responsáveis pelo trabalho de antigos companheiros, acabam tornando-se piores que o próprio patrão, pois carregam a sombra da opressão e a reproduzem.

No processo de libertação, o oprimido passa pelo que Freire (2020) denomina "parto doloroso" e torna-se um novo homem, que superou a contradição entre oprimidos e opressores. A libertação, portanto, é um parto. E o homem que nasce deste parto é novo e viável somente na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos. (FREIRE, 2019b)

Em primeiro lugar, há que se saber oprimido e, ao tomar consciência da opressão que se sofre, o sujeito passa a ter forças para a ação libertadora, que ocorre pela transformação da realidade opressora. A *práxis*, portanto, é condição essencial, pois os homens devem refletir e agir sobre o mundo para transformá-lo. A diferença entre oprimidos e opressores caracteriza-se pela classe social, e, para que o oprimido inicie o processo de libertação, primeiramente, precisa reconhecer-se como classe. O temor da liberdade tem como base o temor à repressão. Muitas vezes, ao mesmo tempo que desejam a liberdade, os oprimidos optam pela adaptação.

Em "Pedagogia do Oprimido", livro escrito no Chile, entre 1967 e 1968, publicado após cinco anos de exílio e que agrega experiências de cursos que Freire ministrou no Brasil e no exterior, o autor alude ao "medo da liberdade" por parte da classe oprimida, que, diversas vezes, alertava-o do perigo do pensamento crítico: "A conscientização crítica [...] dizem [...] é anárquica" (FREIRE, 2019b, p. 23). Contudo, o autor ressalta que a conscientização é imprescindível, haja vista que é condição para que ocorra a humanização. Para que o oprimido se liberte da opressão que vive na sociedade, primeiramente, precisa descobrir o opressor que tem dentro de si e "partejar" um novo homem, que seja capaz de libertar a si próprio e aos seus opressores: eis sua grande tarefa "humanista e histórica".

Para o opressor, pontua Freire (2020), não é interessante que os oprimidos passem a se organizar em classe ou a se conscientizar, pois se tornariam uma ameaça ao seu poder e às suas posses, e tal ameaça, como pontua Fromm (1985), é considerada ameaça ao próprio opressor, que prefere perder o contato com o mundo do que sua possessão. Neste sentido, "A terra, os bens, a produção, a criação dos homens, os homens mesmos, o tempo em que estão os homens, tudo se reduz a objeto de seu comando." (FREIRE, 2019c, p. 51)

A humanização, o ter mais para ser, os privilégios são direitos adquiridos e, portanto, os opressores

não veem nisso problema algum, não enxergam a necessidade do oprimido. Acreditam que têm posses graças apenas ao próprio esforço, e que a classe oprimida não possui riquezas por causa da preguiça e da incapacidade, esta se torna uma espécie de inimigo, invejosos a quem os opressores precisam observar de maneira atenta. O domínio que os opressores exercem sobre os oprimidos os torna objetos, coisifica-os.

As massas precisam inserir-se criticamente em sua realidade por meio da *práxis*, o que levará o indivíduo a lutar para não ser apenas objeto, mas sujeito da história, pois "[...] transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens." (FREIRE, 2020, p. 41)

Em nossa análise, entendemos que os dois pensadores, Adorno e Freire, preocupavam-se com a situação de barbárie. Em Adorno, educar contra a barbárie seria o objetivo principal da educação. Seu olhar parte da sociedade alemã, em cujo local seus pés pisam, porém, sua análise não se restringe apenas ao próprio país.

Adorno enfatiza a necessidade de uma educação política para que haja mais autonomia e menos adaptação à ordem vigente. Outro ponto importante é a aversão à violência física e a necessidade de orientar contra os princípios de barbárie, pois ninguém está livre deles. Tais princípios, muitas vezes, tornam-se explícitos na rudeza dos sujeitos.

Já, em Freire, percebemos que a barbárie se apresenta principalmente na situação de opressão, e a organização para superá-la deve ocorrer no coletivo. Para isso, o oprimido, primeiramente, precisa reconhecer-se como tal para que seja possível a ele "partejar o novo homem", um homem liberto das amarras da opressão.

Ambos os autores primam pela necessidade da consciência crítica como imprescindível no processo de superação da barbárie. Freire apresenta níveis de consciência e em Adorno (1995), a necessidade de uma "consciência verdadeira" conduz o sujeito a um nível superior de consciência, possibilitando a ele um pensamento autônomo, no qual possa se servir do próprio entendimento. Leo Maar (2003) afirma que, ao apontar para a necessidade de uma consciência verdadeira, Adorno pensava na "falsa consciência" e, dessa forma, relacionava a educação à crítica a ideologia dominante.

Os escritos de Adorno permitem-nos crer que o uso da razão é um ato político, assim a produção da "*consciência verdadeira"*, isto é, uma consciência em nível mais profundo, como exigência política, depende de diversos fatores. No entanto, dois problemas são destacados por Adorno: a forma como se encontra organizado o mundo em que vivemos, pois "Paralela à regressão da sociedade ocorre uma regressão do pensamento sobre ela" (ADORNO, 1994, p. 67) e a ideologia dominante.

A educação para a emancipação, para a consciência, por sua vez, de acordo com Adorno (1995, p. 144), "[...] tem [...] muito mais a tarefa de fortalecer a resistência do que fortalecer a adaptação." A formação deve capacitar o indivíduo a orientar-se no mundo, mas ele não deve permanecer apenas nisso, para que não ocorra o ajustamento de pessoas.

A conscientização, discutida com base em Adorno, também se apresenta como categoria central no pensamento freiriano; é, portanto, uma necessidade política, a partir da qual o sujeito traz ao nível do

consciente sua condição em sociedade.

O processo emancipatório, em Freire, convoca pessoas que acreditam na luta em prol dos oprimidos a unirem suas forças em forma de "intencionalidade política", visando à transformação da realidade da classe oprimida, o que ocorre, a nosso ver, principalmente, por meio da conscientização. A tomada de consciência apresenta-se de fundamental importância em qualquer processo de ensino e aprendizagem. De acordo com Freire (2019a), para se alcançar a consciência crítica é preciso libertar-se de explicações mágicas e voltar-se à raiz dos problemas, sem preconceitos, e após apreendê-los, evitar retornar à maneira anterior de pensar; não acreditar em tudo, sem antes questionar e rever; argumentar, de maneira segura; ser aberto ao diálogo e não confundi-lo com a polêmica; ter bom senso frente ao novo e também ao velho, haja vista que tanto um quanto o outro podem ser válidos; e ouvir sempre os questionamentos buscando, respondê-los.

No livro "Pedagogia da Autonomia", ao falar sobre a conscientização, Freire (2019a) assinala que o processo de conscientização é uma "exigência humana"; é a partir dela que se torna possível efetivar a curiosidade epistemológica: "A consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca" (FREIRE, 2019a, p. 57). O indivíduo, enquanto sujeito do processo histórico, deve ter clareza dos obstáculos que enfrenta.

A necessidade do processo de conscientização da classe oprimida, Freire apresenta não como panacéia social, mas como engajamento, como encorajamento à classe oprimida para a luta por seus direitos, daí a necessidade da politização, uma vez que "[...] conscientizar é politizar" (FREIRE, 2019b, p. 22). A educação não deve modelar indivíduos, nem depositar conteúdos, mas conscientizar para que seja possível pensar de maneira autônoma.

A conscientização como necessidade política para Freire, ocorre no coletivo, e a passagem da consciência intransitiva para a consciência transitiva crítica deveria ocorrer também na escola, por meio da capacidade de questionar e argumentar, deixando as explicações vagas e fantasiosas de lado.

Já a "consciência verdadeira" (ADORNO, 1995) representa um nível mais profundo de consciência, que se opõe à falsa consciência. Essa consciência, digamos que mais apurada, leva o indivíduo a pensar por conta própria, de maneira autônoma, inviabilizando o pensamento tutelado. A educação deve ser política para que o indivíduo consiga se opor às exigências da sociedade em sua maneira de organização, que tem como modelo a razão instrumental. Produzir a "consciência verdadeira", de acordo com o frankfurtiano é possível por meio dos esforços empenhados em prol da emancipação humana.

AUTONOMIA COMO EIXO DA EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA EM ADORNO E FREIRE

A autonomia proposta por Adorno, tem suas raízes em Immanuel Kant, teórico do Iluminismo que, em 1770, retornou à filosofia sistemática, trazendo uma versão mais jovem de seus escritos. Nesse período, Kant iniciou a terceira fase da *Aufklärung*, aliando o ceticismo crítico ao rigor sistemático.

Aufklärung, anteriomente, tivera a fase racionalista e a fase que enfatizara o ceticismo.

No debate transmitido em 13 agosto de 1969, entre Theodor Adorno e Helmutt Becker, intitulado "Educação e emancipação", realizado na rádio de Hessen – Alemanha, discutiu-se para onde aeducação deveria conduzir.

Adorno iniciou o debate afirmando que a emancipação era evidente em uma democracia e reportou-se a Kant, no ensaio intitulado "Resposta à pergunta: Que é Esclarecimento?" (publicado no jornal Berlinischen, em 03 de dezembro de 1783, p. 516). Ao responder tal pergunta, Kant afirma que "Esclarecimento [*Aufklarüng*] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado" (KANT, 2012, p. 63). Tal menoridade é atribuída, por Kant, à preguiça e à covardia do homem, que, ao invés de pensar por conta própria, prefere ter o respaldo de um tutor. O homem mesmo após se libertar da falta de entendimento, muitas vezes se deixa levar por um tutor, devido à comodidade, o qual, com o tempo, adverte-o de sua incapacidade e dos riscos que o indivíduo corre ao pensar por conta própria, incutindo-lhe o medo de pensar (KANT, 2012).

A autonomia, em Kant, conforme Jahen (2005), compõe-se, de um lado, pela maioridade, emancipação e espontaneidade; e, por outro, pela autodeterminação – dar-se a si mesmo à lei. Para Jahen (2005, p. 97), "[...] o título original, *Erziehung zur Mündgkeit*, possibilitaria também a sua tradução para Educação para a maioridade". Para haver autonomia, não basta haver o talento ou inteligência, visto que muitas vezes, o indivíduo é submetido aos mecanismos de controle que o impedem de ter pensamentos próprios.

A sociedade cerceia o pensamento próprio e seu uso público, apontando a única forma para que ocorra o esclarecimento [*Aufklärung*]: "O uso público de sua razão deve ser sempre livre e só ele pode realizar o esclarecimento [*Aufklärung*] entre os homens" (KANT, 2012, p. 65). O autor evidencia os limites impostos à razão e pontua que o esclarecimento só será possível a partir do momento em que o indivíduo fizer uso público de sua razão. Afirma, ainda, que se fosse questionado "vivemos agora em uma época esclarecida [*Aufgeklärten*]?" (KANT, 2012, p.69), ele responderia que vivia a época de esclarecimento [*Aufklärung*]. Para Adorno (1995), neste momento, Kant (2012) caracterizou a emancipação como um "vir a ser", algo que não está pronto,mas em movimento.

A autonomia, em Adorno (1995), portanto, deve fazer parte de uma educação emancipatória, tendo em vista que a sociedade em que vivemos impõe a heteronomia aos indivíduos; há falta de liberdade e estes não vivem mais de acordo com suas determinações. O indivíduo deve ser capaz de pensar por conta própria e, para que isso ocorra, a formação deve considerar as relações sociais que afetam muito mais que condições econômicas e /ou materiais, visto que atingem a subjetividade. Um exemplo disso é a semiformação e a manipulação da consciência por meio da indústria cultural.

Em Freire, podemos perceber, de forma nítida, a questão da autonomia, principalmente no livro "Pedagogia da Autonomia", livro que foi lançado em abril de 1997, no qual Freire trata da prática educativa docente em favor da autonomia dos educandos como questão central; a autonomia aparece

enquanto um princípio pedagógico. Nesse livro, Freire (2019a, p. 70) aborda a "[...] difícil passagem ou caminhada da heteronomia para a autonomia", a qual deve ocorrer também por meio do trabalho do professor que deve ser capaz de estimular rupturas no pensamento dos educandos, para que estes superem a condição heterônoma imposta pela sociedade.

Ao apontar caminhos para a docência em favor da autonomia do educando, Freire (2019a) ressalta a importância da reflexão sobre a prática, como exigência da relação "Teoria/prática" sob o risco da teoria se tornar "verbosidade" e a prática puro ativismo. A prática educativa não pode ser uma transferência, e o educador deve criar condições para sua construção, por meio do diálogo, aquele que ensina aprende ao ensinar, haja vista que "não há docência sem discência".

A educação bancária tem como objetivo "[...] a manutenção da consciência ingênua do povo, a manutenção da 'cultura do silêncio'; está pautada na dicotomia seres humanos-mundo, na domesticação, na ação anti-dialógica" (SOUZA, 2001, p. 91). O educador pensa pelo educando, pois é ele quem detém o saber; logo, é ele quem tem o direito à palavra, à disciplina e à prescrição.

Freire (2019a) percebia seu aluno como alguém com possibilidades de crescer, com o qual se deveria estabelecer diálogos, ensinando e também aprendendo. Inclusive, ao falarmos a conjunção "e" - também aprendendo, entramos na discussão do que Freire denomina conectividade. Conforme depoimento de Gadotti no cd editado para a Rádio Nederland na Holanda: "Paulo Freire conectivo". Corroborando com Gadotti, Souza (2001) define Paulo Freire como "[...] um educador conectivo, um homem do diálogo, um criador com os outros." (SOUZA, 2001, p. 13).

A autonomia do educando deve ser respeitada, além disso, educar para a autonomia é uma das tarefas principais da educação, de acordo com a teoria freiriana. A educação deve mostrar a esse educando que ele vive um mundo de possibilidades, pois, "O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros." (FREIRE, 2019a, p. 59)

O educador deve auxiliar o educando na passagem da "consciência ingênua" à "curiosidade epistemológica", a qual lhe permite se aproximar, de maneira mais rigorosa, do objeto e, para que o professor ensine, é preciso que dê o exemplo, pois a prática do professor, segundo Freire (2019a), deve confirmar seu discurso, porque o educador que compactua com a ética e o respeito necessários ao educando, no que se refere à identidade e à autonomia deste, deve ser coerente em sua prática. "Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber." (FREIRE, 2019a, p. 61)

Entendemos que a conscientização é categoria central no pensamento freiriano e que para ela convergem todos os demais apontamentos necessários para a autonomia e criticidade do educando. Para isso, o professor precisa ter autoridade (que é diferente de autoritarismo), dialogicidade, humanização, esperança, resistência e consciência de sua luta, como tática política, porque "Estar no mundo [...] sem politizar não é possível" (FREIRE, 2019a, p. 58) e, como sabemos, nenhuma prática pedagógica é neutra.

A autonomia do sujeito/educando é discussão central, tanto em Adorno quanto em Freire; ambos

apresentam a necessidade de lutar contra a heteronomia posta pela sociedade, no entanto apresentam encaminhamentos diferentes. Em Adorno, percebemos um entrave para a autonomia na adaptação que não é somente imposta pela sociedade, mas pelos próprios indivíduos para que possam se manter nela.

O desenvolvimento da autonomia já se inicia na educação na infância, diferentemente de muitas crianças que vemos hoje, sem experiências formativas que contribuam para a autonomia, fascinadas por jogos eletrônicos, redes sociais, aplicativos, programas de TV e afins, e que se negam a pensar diferente da massa. Muitas vezes, querem fazer parte do grupo para serem reconhecidas por ele, indivíduos semiformados e manipulados pela Indústria Cultural. A formação, portanto, deve considerar as relações sociais que alcançam, também, a subjetividade.

Em Freire, educar para a autonomia é um dos principais objetivos da educação e cabe ao professor ser coerente com sua prática e incentivar a curiosidade epistemológica do educando, de maneira dialógica. A autonomia, em Freire, é constituída a partir das relações com os sujeitos. Tornam-se evidentes, mais uma vez, duas características do educador: a humanização e a esperança.

AUTORIDADE DOS PAIS E PROFESSORES EM ADORNO E FREIRE

Outro fator importante para os autores aqui abordados, é o conceito de autoridade. Em Adorno (1995), este conceito abrange aspectos psicológicos e sociais e pode ter diversos significados, de acordo com o contexto em que se evidencia.

No que diz respeito à autoridade na primeira infância, Adorno (1995, p. 177) refere-se a estudos empíricos, realizados nos EUA por Else Frenkel-Brunswik, os quais apontaram que crianças consideradas "comportadas" atingiram um nível de autonomia e pensamento independente antes das crianças consideradas resistentes às autoridades, as quais após se tornarem adultas se juntavam a seus professores nas mesas de bares e se apropriavam de seus discursos: "O modo pelo qual – falando psicologicamente- nos convertemos em um ser humano autônomo, e portanto emancipado, não reside simplesmente no protesto contra qualquer tipo de autoridade".

Autonomia e emancipação para Adorno (1995) não são sinônimos de protesto contra qualquer autoridade e há necessidade de uma autoridade com limites: "Penso que o momento da autoridade seja pressuposto como um momento genético pelo processo da emancipação" (ADORNO, 1995, p. 177). No entanto o autor afirma que a autoridade a partir do esclarecimento dos pais na primeira infância é crucial no processo de desbarbarização e lamenta que os pais reproduzissem uma cultura em que a punição era tão usual quanto à pena de morte na Alemanha; mecanismos totalmente bárbaros. Por outro lado, a autoridade consciente contribui para desbarbarização.

Os apontamentos de Adorno (1995) sobre a autoridade ainda hoje são muito pertinentes, visto que a sociedade contemporânea, muitas vezes, remete a criança à insegurança, porque há certa confusão no que se refere à autoridade. O conceito de autoridade, em nossos dias, muitas vezes, confunde-se com autoritarismo e, desta forma, nem a autoridade consciente, tão necessária ao processo de autonomia e

emancipação do sujeito, é exercida pelos pais, pela escola ou outra instituição, o que prejudica a criança em sua formação.

Para Freire (2019a), a autoridade resulta do equilíbrio entre autoridade e liberdade; o professor não pode ser licencioso, mas deve propor limites ao aluno para que se torne clara a diferença entre autoridade e liberdade.

O problema levantado por Adorno (1985) sobre a necessidade do exercício da autoridade consciente é evidente também na teoria freiriana, em que se torna necessária a clareza sobre a diferença entre autoridade e autoritarismo, para que possamos exercer a primeira de maneira consciente. O autoritarismo não pode,de forma nenhuma, fazer-se passar por autoridade e nem o excesso de liberdade permitir a licenciosidade, tampouco aliarmos ora a autoridade, ora a "tirania da liberdade".

Faz-se necessário, portanto, encontrar o equilíbrio entre autoridade e liberdade, e a autoridade do professor, em Freire (2019a), tem a ver também com a competência profissional, sem a qual, a autoridade pode tornar-se questionável: "[...] a incompetência do profissional desqualifica a autoridade do professor." (FREIRE, 2019a, p. 92)

Em Adorno, assim como em Freire, a autoridade depende do contexto social e deve ter limites. Em Adorno, a autoridade com limites, quando exercida na primeira infância, contribui para a desbarbarização. Já, em Freire, há que se manter o equilíbrio entre autoridade e liberdade, independente do contexto em questão.

DA FORMAÇÃO CULTURAL *BILDUNG* EM ADORNO À VALORIZAÇÃO DA CULTURA POPULAR EM FREIRE

A crise da formação cultural é referida por Adorno (1969) em *Teoria da Pseudocultur*a.[6] Esta crise, de acordo com o frankfurtiano, não diz respeito apenas ao fracasso na educação. Ao abordar o conceito de formação cultural, Adorno (1969) infere que se trata de uma pseudoformação, da onipresença do espírito alienado, que de acordo com sua origem e sentido, segue a formação cultural.

A cultura, infere Adorno (1969), tem um caráter duplo, remete à sociedade, à adaptação à vida real e realiza a mediação entre ela e a pseudoformação. "O pseudoformado se dedica à conservação de si sem si mesmo; não pode mais permitir-se [...] a experiência e o conceito" (ADORNO, 1969, p. 167 – tradução nossa).[7] A experiência, pontua Adorno (1969), é a continuidade da consciência, a qual na pseudoformação passa a ser substituída por informações efêmeras que logo serão substituídas por outras. No aforismo "Entre sem bater", em Minima Moralia, ao apontar culpados pela morte da experiência, Adorno (2008) afirma que a forma que as coisas assumem acaba por ater a lida com elas à simples manipulação. O conceito, por sua vez, nesse modelo de formação, é substituído por mero clichê pronto (ADORNO, 1969).

Sob outro ponto de vista, o projeto emancipatório idealizado por Adorno e pelos teóricos da Teoria

[6] No original: Teoría de la Seudocultura (ADORNO, 1969).
[7] No original: "El seudoculto se dedica a la conservación de sí sin sí mismo; no puede permitirse [...] la experiencia y el concepto" (ADORNO, 1969, p. 167).

Crítica da Escola de Frankfurt, tem como escopo a *Bildung*. O conceito de formação cultural *Bildung*, de acordo com Gur-Ze'ev (2009), refere-se à

> [...] construção das forças independentes mais profundas do indivíduo como um elemento desengajado e indiviso da totalidade da existência, forças que tornavam possível que escapasse dos processos padronizadores dominantes e das manipulações das hierarquias hegemônicas. (GUR-ZE'EV, 2009, p. 13)

Esse objetivo histórico traçado pelos frankfurtianos e sua própria impossibilidade de efetivação, o tornam significativo. É justamente o que Gur-Ze'ev (2009) denomina de "presença da ausência".

É importante destacar que a educação para a resistência à desumanização proposta na educação para a adaptação, articula-se ao projeto da *Bildung* e ao pensamento crítico. Para que ocorra tal formação, Adorno (1995) pontua que os futuros professores devem se empenhar por se apropriar dos elementos de maneira consciente. O professor não deve apenas "saber fazer", mas integrar a formação para o método e a técnica com a dimensão ético-política, isto é, uma formação integral. Enfim, a formação cultural (*bildung*) é:

> [...] justamente aquilo para o que não existem à disposição hábitos adequados; ela só pode ser adquirida mediante esforço espontâneo e interesse, não pode ser garantida simplesmente por meio da freqüência de cursos [...]. Na verdade, ela nem ao menos corresponde ao esforço, mas sim à disposição aberta, à capacidade de se abrir a elementos do espírito, apropriando-os de modo produtivo na consciência, em vez de se ocupar com os mesmos unicamente para aprender, conforme prescreve um clichê insuportável (ADORNO, 1995, p. 64).

A formação cultural (*Bildung*) propicia o contato com a Ciência, a Arte e a Filosofia e mantém em constante tensão a autonomia, a liberdade e a adaptação do indivíduo, de maneira que uma não se torne mais importante que outra. "A elevação do indivíduo independente, criativo e autônomo está no coração do projeto." (GUR-ZE'EV, 2009, p. 12).

Entendemos que a formação cultural (*bildung*), conforme Adorno (1995), não pode ser prescrita e não ocorre apenas por meio da formação em processo, mas está muito mais voltada ao esforço do indivíduo, que deve se empenhar por apreender, de maneira mais profunda, a partir de uma "consciência verdadeira", que o leve para além do aprender, pois o bom professor é aquele que consegue aliar a formação e a técnica à dimensão ético-política. Dentro dessa formação, há uma dimensão necessária que é a formação para a adaptação à realidade social existente, no entanto, atrelada a essa dimensão, deve-se formar o indivíduo para a negatividade e a resistência, caso contrário, ocorrerá o que Adorno denomina pseudoformação.

Paulo Freire, por sua vez, partia da valorização da cultura popular, a fim de trabalhar uma educação libertadora. A experiência no Movimento de Cultura Popular do Recife com o Círculo de Cultura em substituição à sala de aula na educação escolarizada revela que o próprio educando é o mediador entre o conhecimento para transformá-lo de conhecimento imediato a mediato. O Centro de Cultura levou Paulo Freire a pensar em um método de alfabetização que traduzisse seu desejo de uma educação popular crítica e distante dos modelos de alfabetização mecanizados, de palavras "ocas", desprovidas de sentido.

A horizontalização das relações tornava-se imprescindível à formação de um homem crítico, além disso, uma educação humanizadora deveria ter o amor e a esperança para que houvesse confiança e simpatia entre ambos os pólos, a fim de que houvesse a comunicação.

A pedagogia democrática, proposta por Freire, é problematizadora e dialógica, exige colaboração e união para libertar. A formação consciente também deve trabalhar a capacidade de análise da sociedade e inclui o voto.

Enquanto Adorno se preocupava com a superficialidade das reflexões e com uma formação que propiciasse o contato com a Ciência, a Arte e a Filosofia, Freire partia da valorização da cultura popular; primava, também, pela horizontalização das relações e pelo diálogo. No entanto, partir do conhecimento do aluno não significa ficar nele, havia o empenho em conscientizá-lo.

A FIRMEZA DO EU E O DIÁLOGO: UMA INTERLOCUÇÃO POSSÍVEL

A necessidade da "firmeza do eu" é destacada nos escritos de Adorno (1995, p. 180 – grifo nosso). Para ele, "[...] a emancipação precisa ser acompanhada de uma certa firmeza do eu, da unidade combinada do eu, tal como formada no modelo do indivíduo burguês". Esta "firmeza do eu", apontada pelo autor, contrapõe-se à fragilidade do ego.

Em Adorno, faz-se necessário, também, atentarmos para a influência da indústria cultural no processo de emancipação humana, ou seja, para a manipulação da consciência, isto é, sua reificação. O entendimento sobre os elementos formativos deve ser pleno para que haja formação de fato.

No texto "Intervenciones", Adorno trata da "consciência coisificada" em diversos ensaios com a intenção de intervir, denunciando o mundo posto pela televisão, pelas opiniões desprovidas do pensamento crítico. Contra esta forma de consciência, segundo o autor, a prática é limitada, da mesma forma que a reflexão pura, sem intervenção, pois "Compor a contradição não corresponde à reflexão; impõe-se a constituição mesma do real" (ADORNO, 1969, p. 8 – tradução nossa). Exige-se do telespectador apenas capacidade de observação, de percepção rápida, vetando o pensamento crítico e reprimindo a imaginação, desta forma, o sujeito é violentado pela sociedade industrial.

Nas poucas palavras que Freire dedica à mídia, podemos perceber a clareza desse autor em relação à influência exercida por esse recurso: "[...] pensar em televisão ou na mídia em geral nos põe o problema da comunicação, processo impossível de ser neutro (FREIRE, 1996, p. 139). E, se a comunicação, como pontua Freire (1996), não é neutra, certamente é porque ela está a serviço de alguém, e esse alguém normalmente é pertencente à classe hegemônica, jamais à classe trabalhadora; os discursos apresentados são alinhados a uma maneira de pensar e agir, a uma ideologia.

Torna-se explícito, na fala de Freire (1996, p. 139), o poder de manipulação que a mídia exerce na sociedade de massa e a necessidade de reflexão sobre os conteúdos veiculados. "Debater o que se diz e o que se mostra na televisão me parece algo cada vez mais importante."

O diálogo, tão necessário à teoria freiriana, é tratado de maneira mais intensa em "Pedagogia do

Oprimido", na qual o autor inicia tal discussão, afirmando: "Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens" FREIRE (2005, p. 91). O caminho para a libertação, de acordo com a teoria freiriana, é o diálogo, a partir do qual o sujeito deve ser encorajado a problematizar sua realidade pelo questionamento, da criação e da crítica.

Para que haja a possibilidade do diálogo é preciso amor e humildade, pelos quais os homens passem a enxergar a ignorância não apenas no outro, mas também em si mesmo. Como pontua Souza (2001), o diálogo, na perspecitva freiriana, é muito mais que a comunicação entre as pessoas; por meio do diálogo, as pessoas aprendem, tal aprendizagem é condição inerentemente humana e as leva a compreender processos mais amplos como os de alienação, diferenças de classe social e atribuir significado ao que acontece na sociedade em que estão inseridas.

O diálogo é "[...] uma das matrizes em que nasce a própria democracia" (FREIRE, 2012, p. 14), e, por meio dele, seria possível superar o assistencialismo que visa domesticar o homem. Para que haja o diálogo, primeiramente, faz-se necessária a escuta, pois ele só floresce onde é possível a troca, onde não há autarquia. Freire soube escutar os que por ele passaram, quer fossem escritores renomados lidos e "ouvidos" por ele, quer o aluno da periferia, imerso em sua realidade de negação e impossibilidades.

Em "Pedagogia da Autonomia", Freire (1996, p. 135) disserta sobre a necessidade de disponibilizar-se para o diálogo no ensino, para que isso seja possível, é preciso entender-se como inacabado: "Minha segurança se funda na convicção de que sei algo e de que ignoro algo a que se junta a certeza de que posso saber melhor o que já sei e conhecer o que ainda não sei." A certeza de sua condição de inacabado leva o homem a abrir-se para o diálogo, a aceitar as diferenças.

Para Freire, o diálogo era a base da educação, que deveria ser com o educando e não para ele; a partir de seu contexto e de suas necessidades, para que fizesse sentido.

O diálogo faz parte de uma educação emancipatória, para além dos ditames da indústria cultural que o nega. Por meio do diálogo entre professores e alunos, previamente sistematizado pelo professor, no qual seja considerado o ponto de partida do educando e o professor tenha clareza dos objetivos a serem atingidos, os educadores podem propor discussões que instiguem o aluno a desconstruir as falsidades postas em propagandas, filmes, letras de músicas desprovidas de conteúdo, desenhos animados que estimulam o consumismo e a imitação, deixando a autonomia em segundo plano, novelas que pregam uma beleza fabricada, entre outras falsidades impostas pela indústria cultural. Neste sentido, Adorno (1995) alerta para a necessidade dessa análise de maneira rigorosa, pois seria uma maneira de contribuir para o fortalecimento do ego e da autonomia.

EDUCAÇÃO PARA A RESISTÊNCIA, A HUMANIZAÇÃO E A ESPERANÇA

O conflito representado pela contradição torna-se extremamente necessário à formação de um cidadão consciente. O cidadão formado para a resistência será capaz de se opor de maneira autônomae firme frente às imposições da sociedade capitalista.

Para Adorno (1995), uma educação para a emancipação é indissociável de uma educação para a contradição e a resistência, não para um ou para outro, mas de maneira conexa, "contradição e resistência". O autor é enfático ao afirmar que só existe um modo de se concretizar a emancipação, que seria pela contradição e pela resistência, ainda que de um número reduzido de pessoas que apresentassem tal interesse e viessem a empreender toda a sua força neste sentido.

Entendemos que em Adorno há necessidade de ruptura e desmistificação dos conceitos apresentados *à priori*. Para que a educação contribua no processo de formação e emancipação humana, devem-se criar condições para que os indivíduos, socialmente, conquistem a autonomia, tornando-se livres e conscientes de suas escolhas.

Na teoria freiriana o exercício da resistência deve ser uma tática na luta política. De acordo com Freire (2019a), a resistência capacita o indivíduo a opor-se àquilo que o assola, de maneira que sua postura não é paciente, mas de contradição a tais imposições. A resistência encoraja-o na sua luta pela vida de maneira mais digna; nas palavras de Freire (2019a, p.78), "[...] na vocação para o ser mais".

O educador deve tornar-se capaz de "ler nas entrelinhas" (FREIRE, 2019a) o que o poder ideológico tenta impor de maneira ardilosa. Tal resistência é fundamental à prática docente, haja vista que o professor é formador de opinião e, a partir de sua prática, estará contribuindo para a formação de indivíduos ajustados aos ditames da sociedade, ou em vias de tornar-se autônomos. O professor com tal formação não apresentará postura arrogante, de certeza, mas será guiado também pela "desconfiança metódica".

Toda a discussão realizada até aqui nos leva a um eixo muito caro ao educador Paulo Freire, a humanização. Gadotti (2023, p. 2) pontua que a humanização é a única maneira de "classificar" Freire. Este educador humanista lutou por um mundo melhor, ou em suas próprias palavras, por um mundo "menos feio"; o qual só será possível, a partir do momento em que a classe menos favorecida (os oprimidos) se organizar enquanto classe, tendo clareza de que seus interesses são antagônicos ao da classe hegemônica, e organizar-se na luta em prol dos seus direitos.

Humanização, para Freire, é um processo de superação do embate, do conflito entre experiências desumanizadoras e experiências humanizadoras, processo no qual nos vamos vocacionando, disponibilizando-nos e também nos engajando na luta a favor da humanização. Humanizar-se é um ato processual, e este processo é diário e constante, não é possível nos adaptarmos a situações desumanas; a humanização foi uma das grandes marcas desse educador brasileiro. Para Freire (2019a), "A adaptação a situações negadoras da humanização só pode ser aceita como consequência da experiência dominadora, ou como exercício de resistência, como tática na luta política." (FREIRE, 2019a, p. 76).

Outra marca registrada de Paulo Freire é a esperança, sonhava com o mundo "menos feio" e lutava para que fosse possível, aos oprimidos, sua organização como classe, para que fosse possível voltar a sonhar. Cortella (2014, p. 21) afirma que "Paulo Freire sofria (felizmente para nós) dessa outra incapacidade: não perdia a esperança".

CONCLUSÕES

Consideramos necessárias algumas considerações a respeito da relação entre a educação emancipatória em Adorno e Freire. Inferimos que ambos visavam à autonomia e à emancipação do sujeito. Adorno, ao falar sobre os entraves da emancipação, remete-nos à contradição social e afirma a imposição da heteronomia na organização social vigente, o que contribui para o ajustamento de pessoas, por isso a necessidade da conquista da autonomia e do pensamento não tutelado. Freire combate a reificação do homem e a sua alienação pelos opressores. Para que seja possível um movimento em direção às críticas propostas por ambos, faz-se necessário pensarmos em uma formação que prepare o indivíduo para a contradição e a resistência ao ajustamento social.

Entendemos que o pensamento adorniano tem como foco reflexões no plano filosófico, estabelecendo diálogo com os rumos da razão no âmbito da racionalidade técnica, cuja consequência é a dominação social, o que acaba por refletir também no contexto escolar. A centralidade na formação social, portanto, não exclui um olhar para a educação, haja vista que a deformação social se reflete na escola. Já a educação em Freire, pode ser vista como plural, isto é, "educações".

As leituras até aqui realizadas indicaram que, houve um esforço comum entre os autores rumo a uma educação emancipatória e ambos enfrentaram as barreiras impostas por uma sociedade capitalista buscando superá-la; tanto Adorno quanto Freire foram cidadãos do mundo, representaram muito mais que seu país de origem e, como clássicos, auxiliam-nos a pensar as questões postas na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor W. Capitalismo tardio ou sociedade industrial. *In:* COHN, Gabriel (org.). **Theodor W. Adorno**: grandes cientistas sociais. São Paulo: Ática, 1994. p. 62-75.

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor W. **Mínima moralia**: reflexões a partir da vida lesada. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.

ADORNO. Theodor W. Teoria de La Seudocultura*. In:* ADORNO, Theodor W. **Filosofía y supersticíon**. Madrid: Alianza Editorial, 1972. p. 171-174.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

CORTELLA, Mario Sergio. Homenagem a Paulo Freire: utopia e esperança. *In*: MORTATTI, Maria do Rosário Longo; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva (org.). **Alfabetização e seus sentidos**: o que sabemos, fazemos e

queremos? Marília; São Paulo: Oficina Universitária; Editora da UNESP, 2014, p. 19-26.

FREIRE, Paulo. Educação e Atualidade brasileira. São Paulo: Cortez, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2019a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 84. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019b.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 53. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019c.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia:** cotidiano do professor. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FROMM, Erich. **El corazón del hombre:** su potencia para el bien y para el mal. México: Fondo de cultura econômica, 1985. Disponível em: https://pt.scribd.com/doc/19820347/Fromm-Erich-El-corazon-del-hombre. Acesso em: 25 maio 2023.

GADOTTI, Moacir. **Por que continuar lendo Freire?** Disponível em: http://gadotti.org.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/453/AMG_PUB_03_021.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 18 jun. 2023.

GASPARIN, João Luis. **Comênio:** a emergência da modernidade na educação. Petrópolis: Vozes, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2022.

GUR-ZE'EV, Ilan. A formação (*Bildung*) e a Teoria Crítica diante da Educação Pós-Moderna. *In:* PUCCI, Bruno; ALMEIDA, Jorge de; LASTÓRIA, Luiz Antônio Calmon Nabuco. (orgs.). **Experiência Formativa & Educação**. São Paulo: Nankin, 2009.

JAHEN, Lisete. **Educação e emancipação em Adorno**. Passo Fundo: UPF, 2005.

KANT, Immanuel**. Resposta à pergunta:** que é "Esclarecimento"? (*Aufklärung***)**. *In:* Textos seletos. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

SOUZA, Ana Inês. (org.). **Paulo Freire**: vida e obra. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

Submetido: 31/03/2023
Correções: 10/05/2023
Aceite Final: 26/05/2023